

LEITURA DA OBRA *ÓRFÃOS DO ELDORADO* E SUA ADAPTAÇÃO PARA O CINEMA

LETÍCIA MARTINEZ*


Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em: 18 ago. 2020. Aprovado em: 14 set. 2020.

Como citar este artigo: MARTINEZ, L. Leitura da obra *Órfãos do Eldorado* e sua adaptação para o cinema. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 20, n. 3, p. 90-100, set./dez. 2020. doi: 10.5935/cadernosletras.v20n3p90-100

Resumo

Milton Hatoum é reconhecido pela escrita de romances memorialísticos, estruturados de forma fragmentada e não linear, o que pode se tornar um desafio para as adaptações. Entretanto, a novela *Órfãos do Eldorado*, ainda que possua traços de uma narrativa memorialista, encontra seu caminho para a adaptação no cinema em 2015, realizada pelo diretor Guilherme Coelho. Este artigo propõe a discussão dos aspectos de hipotextualização (texto de partida) e hipertextualização (texto de chegada), utilizando-se das teorias e dos conceitos elaborados por Gérard Genette, Linda Hutcheon e Robert Stam a fim de construir uma análise da adaptação da novela para o cinema.

* E-mail: leticiamrtz96@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0002-2644-262X>

Palavras-chave

Órfãos do Eldorado. Adaptação. Milton Hatoum.

INTRODUÇÃO

Escrita por Milton Hatoum, *Órfãos do Eldorado* é uma novela publicada em 2008 que ganhou o segundo lugar do Prêmio Jabuti na categoria de melhor romance no ano seguinte. Essa obra foi encomendada pela Companhia das Letras para fazer parte da coleção “Mitos”, projeto elaborado por Jamie Byng, editor da Canongate, que se reuniu com outros 33 editores para, juntos, produzirem a coleção em 27 línguas.

Responsável pela realização do projeto no Brasil, a Companhia das Letras confiou a tarefa ao escritor amazonense que, com um enredo envolvente, fez um trabalho de entrelaçamento entre o folclore regional do Amazonas com a história dramática do personagem principal, Arminto Cordovil.

Dois anos antes do sucesso da minissérie *Dois irmãos* (2017) da Rede Globo, dirigida por Luiz Fernando Carvalho, *Órfãos do Eldorado* (2008) já havia sido adaptado para a linguagem cinematográfica pelo diretor Guilherme Coelho. O drama familiar e o idílio nebuloso foram transpostos para as telas ganhando – ainda mais – o teor mítico das lendas amazonenses presentes na obra literária.

Este trabalho propõe uma análise das mudanças realizadas entre as duas mídias, buscando compreender as necessidades que orientaram o trabalho de adaptação e permitiram renovados efeitos de sentido. Para isso, foram selecionados alguns aspectos que possivelmente proporcionaram desafios durante o processo de adaptação da obra, como: a não linearidade da obra literária, a transposição para outra temporalidade, a junção das duas personagens femininas (Florita e Dinaura) e a questão dos mitos e das lendas da região amazônica.

Para a realização deste trabalho, a metodologia utilizada foi a leitura do romance e análise do filme, além de revisão bibliográfica acerca do processo de adaptação para análise do processo de hipertextualização, uma vez que adaptações cinematográficas são hipertextos derivados de hipotextos preexistentes que foram transformados por operações de seleção, amplificação, concretização e efetivação (STAM, 2006).

A fim de ter um embasamento teórico para a análise literária, foi utilizado o livro *Seis passeios pelos bosques da ficção*, de Umberto Eco (1994), e para entendimento dos processos de transposição de mídias utilizaram-se: *Uma teoria da adaptação*, de Linda Hutcheon (2013), *Palimpsestos*, de Gérard Genette (2010), e “Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade”, artigo escrito por Robert Stam e publicado em 2006 na revista *Ilha do Desterro*.

Em seu trabalho, Linda Hutcheon sugere que, ao estudarmos o processo de adaptação de uma obra, é necessário que tenhamos algumas questões em mente: onde, quando, como, quem e por que adaptar.

Pensando no porquê da adaptação, ainda que a taxa de analfabetismo no Brasil tenha diminuído consideravelmente nos últimos anos, ainda carecemos de um público leitor. Não é novidade que o ato de ler é um hábito elitizado, e dados apontam que a quantidade de leitores no Brasil é muito baixa (IBOPE, 2015). Por esse motivo, a transposição de mídias tem um papel importante na sociedade, pois ela vai atender a públicos distintos. No caso da obra analisada neste estudo, a adaptação cinematográfica se torna importante porque contribui para a disseminação da literatura nacional, além de popularizar a cultura de outras regiões, como, nesse caso, a do Amazonas.

CONTEXTUALIZAÇÃO DAS OBRAS

Órfãos do Eldorado – obra literária

Residente em Vila Bela, a família Cordovil era importante em Manaus. O avô de Arminto, chamado Edílio, plantava cacau na fazenda Boa Vida ao final dos anos 1840, depois seu filho Amando tomou conta dos negócios portuários e, sendo dono de muitos cargueiros, praticamente dominava o porto e o comércio da cidade. Arminto nunca se interessou em herdar os negócios familiares e tinha um péssimo relacionamento com o pai, apesar de sonhar com a harmonização entre os dois.

A mãe de Arminto morreu durante o parto, e Amando, de maneira amargurada, atribui a causa da morte a ele: “Quando ela morreu, Amando não sabia o que fazer comigo. Até hoje recordo as palavras que me destruíram: Tua mãe te pariu e morreu” (HATOUM, 2008, p. 31).

Florita surge como o novo interesse romântico de Amando, é ela quem narra os mitos e as lendas amazônicas a Arminto, marcando sua infância e cuidando dele de uma maneira maternal, mas também é Florita quem o inicia sexualmente. Ela foi o primeiro interesse romântico de Arminto, o que desencadeou a expulsão dele de casa após Amando os flagrar juntos. Arminto é levado para morar em uma pensão em Manaus, e, por um tempo, sua vida segue bem, até ingressa na Faculdade de Direito, mas depois desiste e vai trabalhar em uma mercearia para continuar pagando o aluguel em Manaus, negando-se a aceitar o dinheiro que vinha do pai.

Com o intuito de fazer as pazes com Amando e estimulado pelo advogado e amigo da família, Arminto volta a Vila Bela, mas entre desencontros, antes mesmo de conversar com o pai, Amando morre e Arminto se vê obrigado a assumir os negócios familiares.

A cidade inteira se comove com a morte de Amando. A primeira vez que Arminto avista Dinaura, ela está com outras órfãs do Sagrado Coração de Jesus, prestando condolências no velório do falecido. Arminto fica encantado pela menina: “Uma delas tinha jeito de moça crescida. Parecia uma mulher de duas idades. Usava um vestido branco e olhava para o alto, como se não estivesse ali, como se não estivesse em lugar nenhum” (HATOUM, 2008, p. 31).

Arminto se apaixona pela moça, e essa paixão o leva à loucura. Dinaura é uma figura nebulosa e traz consigo um estereótipo quase mítico, chega a ser comparada às tapuias que sonhavam em viver no fundo do rio, como é possível perceber no seguinte trecho:

A mulher de duas idades. Dinaura. Não lembrava com nitidez do rosto; dos olhos, sim, do olhar. Rever o que foi apagado pela memória é uma felicidade. Tudo voltou: o sorriso, o olhar vivo no rosto anguloso, olhos mais puxados que os meus. Uma índia? Procurei a origem, nunca encontrei. Encontrei outra coisa, que só depende do acaso, de um único momento da vida. E percebi que era tarde demais para desfazer o destino. [...] E Florita, sem conhecer a órfã, disse que o olhar dela era só feitiço: parecia uma dessas loucas que sonham em viver no fundo do rio (HATOUM, 2008, p. 31).

Florita sente um ciúme obsessivo de Arminto e desde o início não gosta da relação que ele estabelece com Dinaura, talvez por realmente acreditar que a moça seja uma figura mítica. Dinaura some e Arminto começa a procurá-la em todos os lugares. Ao final da novela, passam-se alguns anos e descobrimos que

o pai de Amando estava envolvido em alguns escândalos políticos e que Dinaura poderia ser sua filha ou sua amante, e Arminto, que já havia perdido todo o dinheiro que seu pai havia deixado de herança, além dos negócios e do palácio branco onde todos moravam, mergulha de vez no delírio. Florita morre e não se sabe exatamente o que Arminto encontra na cabana da vila dos leprosos, em uma das ilhas das Anavilhanas, mas dá a entender que é alguém relacionado a Dinaura, já que, segundo o trecho apresentado a seguir, imaginamos que ele esteja morando com essa pessoa:

Voltei para Vila Bela e fiquei escondido aqui, mas estava muito mais vivo. Ninguém quis ouvir essa história. *Por isso as pessoas ainda pensam que moro sozinho*, eu e minha voz de doido. Aí tu entraste para descansar na sombra do jatobá, pediste água e tiveste paciência para ouvir um velho. Foi um alívio expulsar esse fogo da alma. A gente não respira no que fala? Contar ou cantar não apaga a nossa dor? Quantas palavras eu tentei dizer para Dinaura, quanta coisa ela não pôde ouvir de mim. Espero o macucauá cantar no fim da tarde. Ouve só esse canto. Aí a nossa noite começa. Estás me olhando como se eu fosse um mentiroso. O mesmo olhar dos outros. Pensas que passaste horas nesta tapera ouvindo lendas? (HATOUM, 2008, p. 103, grifo nosso).

Esse último parágrafo deixa claro que Arminto está contando sua história de vida a um viajante que, por sua vez, no posfácio, está contando essa história a seu neto, remetendo novamente à característica da tradição oral, como se a própria história de vida de Arminto fosse uma das lendas da região.

Órfãos do Eldorado – adaptação cinematográfica

A história inspirada no livro de Milton Hatoum se inicia com a mesma cena do livro: uma tapuia indo morar no fundo do rio. Da mesma forma que somos apresentados a algumas lendas no início do livro – Florita as narra a Arminto –, também somos apresentados a essas mesmas lendas no filme, contando com a adição de alguns outros mitos.

Assim como no livro, Arminto mora em Manaus após a expulsão da casa do pai por manter relações com Florita. Arminto é músico, mas deixa de investir na carreira, decidido a voltar a Vila Bela para fazer as pazes com o pai. Amando morre, e Arminto, frustrado, investe em uma vida boêmia. Assim

conhece Dinaura que, no filme, é uma cantora de tecnobrega¹ da região. Os cortes de cena feitos no filme parecem dar a impressão de que Dinaura sempre foi uma alucinação, algo que se concretiza ao final da trama quando há a junção das personagens Dinaura e Florita.

Assim como no livro, após alguns anos procurando por Dinaura, Arminto perde tudo e vive numa tapera, depois de anos em aflição, sem saber onde estaria sua amada. Estiliano conta que Dinaura/Florita é sua irmã e que provavelmente vive em uma cabana no meio da floresta. A cena final é Arminto encontrando uma garotinha (que supomos ser sua filha) que carrega o colar que Florita costumava usar.

A HIPERTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA LITERÁRIA

O processo de adaptação envolve uma (re)criação e/ou uma (re)interpretação, sendo assim, é preciso ter em mente que a qualidade da transposição do “texto A” para o “texto B” não deve ser relacionada com a fidelidade ao hipotexto, mas sim ao ato de criação e interpretação do adaptador (HUTCHEON, 2013).

Portanto, a adaptação de uma obra é uma forma de intertextualidade. No caso dos objetos escolhidos para análise deste trabalho, é possível observar alguns tipos de adaptação. Acerca do filme *Órfãos do Eldorado*, além de se tratar da transposição de uma obra literária, temos também o processo de hipertextualização dos mitos e das lendas amazônicas, que já haviam passado por um processo de adaptação para a novela escrita por Milton Hatoum.

Desse modo, Guilherme Coelho realiza o ato de criação e apropriação do enredo, mas, além disso, também dos mitos e das lendas amazônicas fazendo até mesmo uma adição ao apresentar uma lenda que não consta na obra literária: a lenda do Uirapuru.

O principal foco deste estudo surge de uma característica marcante nas obras de Milton Hatoum: a narrativa fragmentada e não linear (Figura 1). Segundo Hutcheon (2013), os romances realistas lineares são mais facilmente

1 O tecnobrega é um gênero musical popular que surgiu em Belém do Pará por volta dos anos 2000. É um gênero que mistura elementos de música internacionais, como a música eletrônica e música *pop*, com gêneros regionais paraenses, como calipso e forró eletrônico, sendo baseado especialmente no uso de sintetizador e caixa de ritmos.

adaptáveis para a tela do que trabalhos experimentais; no caso da obra literária, temos quatro tempos que se intercalam, o que pode representar um desafio para a adaptação, uma vez que representar ou tematizar o desenvolvimento do tempo pode se apresentar como uma tarefa difícil.

Neste estudo desenvolvemos um esboço do que seria o tempo na obra e no filme baseado nas informações que Arminto nos dá durante a narrativa, como a sua idade. É importante destacar que, durante toda a leitura, o narrador nos revela apenas três datas: os anos 1840 (que é apenas citado), 1958 e 1965, enquanto no filme não temos dados de temporalidade, a não ser o que pode ser observado pelo cenário e por outros componentes, como a presença das cadeiras de bar que remete à contemporaneidade e ao figurino.

A suposição sobre a diferença entre a temporalidade na adaptação cinematográfica e a que encontramos na obra literária repousa no fato de que o diretor Guilherme Coelho tenha tentado aproximar a narrativa da realidade do momento em que a adaptação foi produzida, e, por isso, o tempo presente na adaptação cinematográfica é algo por volta dos anos 2000, sendo percebido pelo figurino, pelas relações sociais e pelo já mencionado tecnobrega.

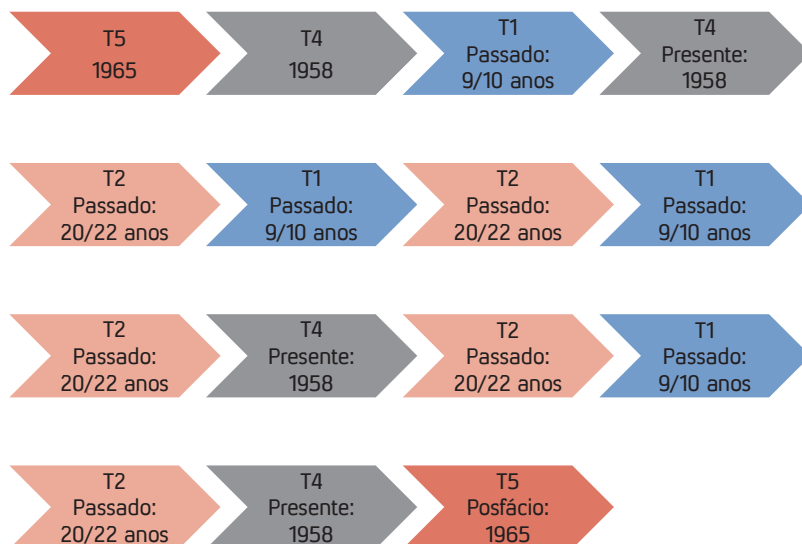


Figura 1 – O tempo na obra literária.

Fonte: Elaborada pela autora.

Enquanto na obra literária os saltos no tempo são feitos por meio de ferramentas narrativas e facilmente identificáveis pelos tempos verbais, como

“*Devia ter uns vinte anos* quando Amando me levou para Manaus” (HATOUM, 2008, p. 15, grifo nosso), no filme, percebemos a presença de *flashbacks* e *flashforwards* (Figura 2). “Como diz Gérard Genette, um *flashback* parece reparar um esquecimento do autor, ao passo que um *flashforward* constitui uma manifestação de impaciência narrativa” (ECO, 1994, p. 36). Nesse caso, o *flashback* não necessariamente representa um esquecimento do autor, mas tem função na estrutura da narrativa, assim como o *flashforward*. Também percebemos a inserção de um tempo 3 (T3 – aproximadamente 30 anos), um *flashforward* que é inserido por Guilherme Coelho para demonstrar a passagem para um tempo futuro.

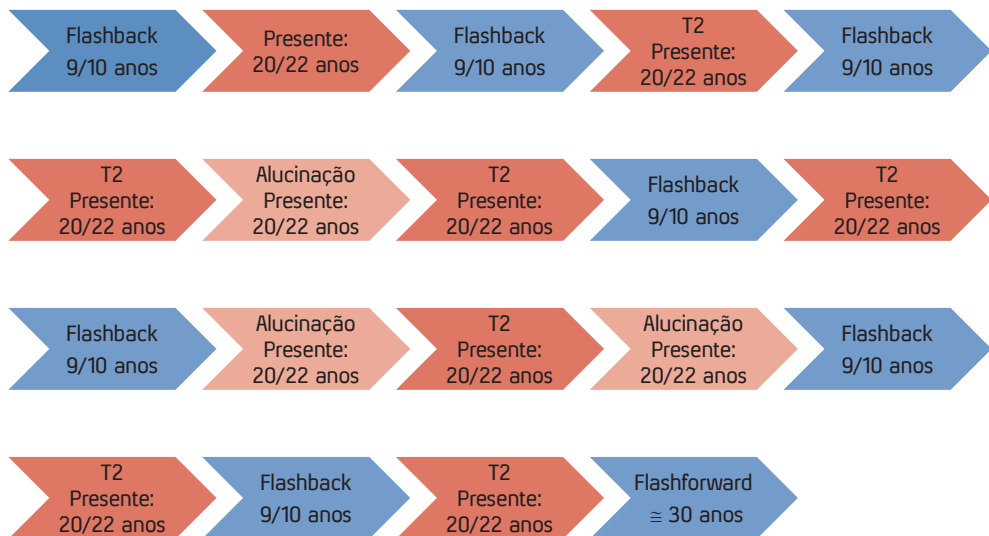


Figura 2 – O tempo na adaptação cinematográfica.

Fonte: Elaborada pela autora.

Em alguns instantes do filme, Arminto relembra, com certa surpresa, momentos em que estava com Dinaura, mas, em vez de classificarmos como *flashbacks*, optamos por classificar como momentos de não lucidez, uma vez que ele já começa a sofrer com alucinações.

Quanto ao misticismo presente na obra, Guilherme Coelho faz um excelente trabalho de entrelaçamento da narrativa no trabalho de ambientação, uma vez que o caráter mítico da obra reflete-se nas imagens dos rios Amazonas e Negro e nas lendas do folclore indígena amazonense. Como nas cenas em que Arminto volta para Vila Bela e escuta as lendas sendo narradas a viajantes de

uma embarcação ou quando Arminto se volta aos rios e à água para retomar seu estado de lucidez.

O misticismo está presente também nas duas personagens femininas, Dinaura e Florita, que desde o início sugerem uma relação de duplicidade. Na obra literária, somos apresentados à lenda da cabeça cortada, na qual podemos traçar um paralelo da relação de Arminto com as duas personagens. Curiosamente, Arminto diz ser uma história estranha que o assustou quando pequeno:

A mulher dividida. O corpo dela sempre vai atrás de comida em outras aldeias, e a cabeça sai voando e se gruda no ombro do marido. O homem e a cabeça ficam juntos o dia todo. Aí, de noitinha, quando um pássaro canta e surge a primeira estrela no céu, o corpo da mulher volta a se grudar na cabeça. Mas, uma noite, outro homem rouba metade do corpo. O marido não quer viver apenas com a cabeça da mulher, ele a deseja inteira. Passa a vida procurando o corpo, dormindo e acordando com a cabeça da mulher grudada no ombro. Cabeça silenciosa, mas viva: podia sentir o mundo com os olhos, e os olhos não secavam, percebiam tudo. Cabeça com coração (HATOUM, 2008, p. 13).

Dessa forma, torna-se justificável, na adaptação cinematográfica de Guilherme Coelho, a junção das duas personagens em uma só, conforme Arminto diz em seguida:

Fiquei cismado, porque há um momento em que as histórias fazem parte da nossa vida. Uma das cabeças me arruinou. A outra feriu meu coração e minha alma, me deixou sozinho na beira desse rio, sofrendo, à espera de um milagre. Duas mulheres. Mas a história de uma mulher não é a história de um homem? (HATOUM, 2008, p. 13).

Nesse sentido, podemos interpretar que não só uma “cabeça” o arruinou, mas sim duas. Outro aspecto que justifica a junção das personagens seria, na obra literária, a menção de que Dinaura parece ser uma mulher de duas idades. No filme, isso é retratado por meio de uma epifania que o protagonista tem ao saber que Dinaura, na verdade, era Florita, e de repente as lembranças que Arminto tinha de Florita (episódios em que seu rosto não aparecia no enquadramento) fazem sentido nesse momento e ele percebe que Florita sempre fora Dinaura. Ademais, a junção das figuras femininas acentua o caráter folclórico da história que está sendo narrada pelo protagonista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ante a complexidade da obra, por que surgiu o interesse em adaptá-la? Entre os autores contemporâneos, Milton Hatoum já publicou um número considerável de obras e ganhou alguns prêmios ao longo de sua carreira como escritor, uma de suas obras, como *Relato de um certo Oriente* (1989), já foi traduzida para outros países consolidando, com isso, seu espaço na literatura. Não haverá surpresa se, daqui a alguns anos, seus livros forem considerados clássicos da literatura brasileira.

O interesse de Guilherme Coelho em adaptar *Órfãos do Eldorado* pode ter surgido por ser uma obra “confiável”. Segundo Hutcheon (2013), os compositores italianos de ópera – tida como uma forma de arte notoriamente cara – geralmente decidiam adaptar romances e peças teatrais “confiáveis”, ou seja, obras que já eram bem-sucedidas financeiramente, com o intuito de evitar problemas de ordem econômica e de censura.

A questão da fidelidade ao texto original não nos fez discutir a qualidade da obra, tendo sido útil como ferramenta de análise, uma vez que cada indivíduo faz uma leitura distinta de um mesmo texto. Nesse sentido, não devemos condenar as mudanças realizadas na transposição, mas sim valorizar a reapropriação de um trabalho e sua transformação para o cinema (STAM, 2006).

Retomamos a importância da transposição de obras literárias nacionais, uma vez que outros tipos de mídia atendem públicos diversificados. A popularização da literatura a partir do cinema pode servir como um incentivo e abertura de caminho para a formação de um público leitor.

Reading the book *Orphans of Eldorado* and its movie adaptation

Abstract

Milton Hatoum is recognized for writing memorial novels, structured in a fragmented and non-linear way, which can become a challenge for adaptations. However, the novella *Orphans of Eldorado*, although it features traces of a memorialistic narrative, was adapted into a film in 2015, by the director Guilherme Coelho. This article proposes a discussion about hypertextuality (source/earlier text) and hypertextuality (later text), by using the theories and

concepts developed by Gérard Genette, Linda Hutcheon and Robert Stam in order to develop an analysis on the adaptation of the novella to the cinema.

Keywords

Orphans of Eldorado. Adaptation. Milton Hatoum.

REFERÊNCIAS

DOIS irmãos. Direção: Luiz Fernando Carvalho. Produção: Maristela Velloso. Brasil: Globo, 2017. 10 episódios.

ECO, U. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

GENETTE, G. *Palimpsestos*. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.

HATOUM, M. *Relato de um certo Oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HATOUM, M. *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

HUTCHEON, L. *Uma teoria da adaptação*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

IBOPE. *Retratos da leitura no Brasil – 4ª edição*. Brasília: Ibope, 2015.

ÓRFÃOS do Eldorado. Direção: Guilherme Coelho. Produção: Guilherme Coelho. Intérpretes: Daniel de Oliveira, Mariana Rios, Dira Paes e outros. Brasil: Downtown filmes, Riofilme, Canal Brasil, Ancine, Fundo Setorial do Audiovisual e outras, 2015. 1 DVD (96 min).

STAM, R. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, v. 51, n. 1, p. 019-053, jul./dez. 2006.